

AS CONTRADIÇÕES DA ARTE PÓS-MODERNA

Juliana Pessi Mayorca*
julianamayorca@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo objetiva levantar alguns questionamentos acerca da arte pós-moderna. O pós-moderno é considerado por muitos críticos como um renascimento cultural, ao passo que outros o consideram como decadente, criando, assim, conceitos contraditórios. Realmente é difícil teorizar sobre um fenômeno cultural atual que é distinto, contraditório e polivalente, em que algumas teorias são otimistas, outras nem tanto. O que não podemos negar é a presença do novo, com o qual nos deparamos diariamente.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-Modernismo, Arte, Contradição

ABSTRACT: *This article aims to raise some questions about the postmodern art. The postmodern is considered by many critics as a cultural renaissance, while others consider it as decadent, thus creating contradictory concepts. Indeed it is difficult to theorize about a current cultural phenomenon that is distinct, contradictory and multifaceted, in that some theories are optimistic, others less so. What we can not deny is the presence of the new, we face daily.*

KEYWORDS: *Post-Modernism, Art, Contradiction*

A arte moderna é paradoxal. A estética do novo rompe com o passado, mas ao mesmo tempo traz consigo resquícios desse passado. O fim dessa ruptura seria, para muitos críticos da modernidade, o nosso “pós-modernismo”.

Pós-modernismo é uma síntese de todos os conteúdos da contemporaneidade, que surgiu primeiro no cenário artístico e ganhou terreno, espalhando-se em todas as áreas. Nascendo com a arquitetura – que se antes era definida pela clareza, abstração, ângulo reto, agora fala a linguagem cultural das pessoas que vão utilizá-la (o ornamento é recuperado, a emoção e humor nas curvas, a volta da cor) – e com a computação nos anos 50, parece que toma corpo com a arte pop nos anos 60. Cresce ao entrar pela filosofia, durante os anos 70, como crítica da cultura ocidental.

Santos chama o pós-modernismo de fantasma em vários âmbitos: ciência, artes, sociedade etc. O “fantasma” pode ser encontrado em nosso dia-a-dia diante da explosão e saturação das informações. Para o autor, não se sabe ao certo se o pós-modernismo significa decadência ou renascimento cultural. Decadente, pois, segundo muitos críticos, não tem força

* Mestre em Teoria Literária pela UNIANDRADE-PR

intelectual; mas renascimento pois abala os preconceitos, ameniza o muro entre arte culta e de massa e é pluralista, já que propõe a convivência de estilos diversos. Assim é feita a pós-modernidade: De contradições.

Já Compagnon questiona a própria formação do termo: se o moderno é o atual e o presente, o que significa o prefixo “pós”? O que seria esse depois da modernidade, se a modernidade é a inovação constante? E não só a questão do termo, mas também na ideologia e nos conceitos defendidos ao longo desses anos, percebemos como a arte moderna e pós-moderna são complexas e paradoxais.

Então nos questionamos: primeiramente, se o pós-moderno pretende acabar com o moderno; fazendo isso estará fazendo exatamente o que a arte moderna fez no início do século passado: Ruptura. Enquanto o modernismo quer romper com o passado, o pós-modernismo visa ao diálogo com o tempo, com a história. Para muitos, o pós-modernismo e o tradicionalismo caminham juntos. Essa característica é o segundo tempo pós-moderno. Nesse período, a invenção parece estar esgotada e a solução é voltar ao passado por meio da paródia, do neo-expressionismo.

O ambiente pós-moderno significa basicamente isso: entre nós e o mundo estão os meios tecnológicos de comunicação, ou seja, de simulação. Eles não nos informam sobre o mundo; eles o refazem à sua maneira, hiper-realizam o mundo, transformando-o num espetáculo. (...) A isso os filósofos estão chamando *desreferencialização do real* e *dessubstancialização do sujeito*, ou seja, o referente (a realidade) se degrada em fantasmagoria e o sujeito (o indivíduo) perde a substância interior, sente-se vazio.¹

Ou seja, os meios de comunicação refazem o mundo à sua maneira, hiper-realizam o mundo, pois algo inviável na realidade pode ser possível na televisão. A pós-modernidade é um mundo supercriado pelos signos. Compramos algo não pelo seu poder de uso, mas por causa do *status*; as pessoas passaram a ser pelo que vestem, pelo que têm. Atualmente quem não está na moda, paga o preço da marginalidade social. Essa é a chamada desreferencialização e dessubstancialização do sujeito. O pós-modernismo é o niilismo: Ausência de valores. É a entrega ao presente e ao prazer, ao consumo e ao individualismo.

A produção e o próprio consumo são programados na pós-modernidade. O que aumenta o desempenho e facilita a vida. É preciso qualidade e tecnologia para poupar-se tempo e dinheiro. As pessoas são bombardeadas por informação e isso provoca efeitos culturais, políticos etc. Com tantas facilidades no dia-a-dia, a pessoa despolitiza-se. A sua participação social tem pequenos objetivos.

¹SANTOS, p. 16

Há muitas posturas pós-modernas, especialmente quando se trata de arte. A arte, para alguns críticos, passa a ser pastiche e ecletismo porque perdeu a originalidade, não sabe mais criar. A antiarte não apresenta propostas bem definidas. O pluralismo e o ecletismo são a norma. O pós-moderno é uma miscigenação de muitas coisas, é composto de diversos paradoxos e porque falar de pós-modernidade é falar de tudo e não conseguir falar de nada ao mesmo tempo. Não há preocupação com grandes temas e a pessoa pode ser várias coisas ao mesmo tempo (vegetariano, programador, budista, etc.), a defesa do ecletismo total e a ausência de compromisso social ou intelectual na arte.

Outra tendência do pós-modernismo é a *Pop Art*, que é representada por objetos e imagens tirados do consumo popular que acabam por entrar em cena. O hiper-realismo ou fotorrealismo copia minuciosamente, em tinta acrílica, fotografias de automóveis, paisagens etc. A tinta acrílica deixa o real mais intenso e bonito.

Também, a *Minimal Art*, que tira os traços estéticos (forma, cor, etc.) do objeto artístico e o reduz a estruturas primárias. A Arte Conceitual desmaterializa a arte. Pinturas e esculturas são supérfluas. Só interessa a ideia, a criação mental do artista. *Happening* é a intervenção do artista no cotidiano, fazendo da intervenção uma obra. É a fusão entre arte e vida, chamando a atenção para o artista e os materiais que ele utiliza. Qualquer processo que intervenha sobre a realidade para modificá-la, desequilibrá-la de modo inventivo e gratuito é arte segundo a arte processual.

A entropia é um termo importante para o mundo pós-moderno já que significa que nas sociedades atuais tudo migra em direção à confusão, não há valores solidificados, nem ordem. A entropia na forma se dá por meio da destruição do romance e a entropia no conteúdo é a destruição do mundo e dos valores.

Filhos da bomba atômica, escritores americanos respondiam ao drama do absurdo social de forma cômica ou cínica. Pois era como se a saída estivesse em rir do caos vivido. É como se os homens tivessem perdido a cabeça, caído no ridículo deixando o computador programar seus fins, não podendo fazer nada, apenas rir².

Sem enredo, assunto ou personagem, o *Nouveau Roman* (novo romance) mistura realidade, sonho, delírio e cria um clima de incerteza, embaralha a ordem espacial e temporal dos acontecimentos numa extrema fragmentação e privilegia o texto, o ato de escrever. Esse novo romance realça a técnica de construção, dedica-se à destruição do romance e deixa de lado o conteúdo.

²cf. SANTOS

Os filósofos pós-modernos lutam em duas frentes. Uma de desconstrução dos princípios e concepções do pensamento ocidental e outra de desenvolvimento e valorização de temas antes considerados menores em filosofia, tais como a sexualidade, a linguagem, a poesia, o cotidiano, que são elementos que aceleram a decadência dos valores ocidentais.

A pós-modernidade é o momento em que o cristianismo, o conhecimento científico e a verdade são valores em decadência. O homem ocidental quis governar sua existência só pela razão quando, na verdade, a vida é também instinto e emoção. Jacques Derrida representa o pensamento dos filósofos de sua época. Seguindo os caminhos trilhados por Nietzsche, esse pós-estruturalista e pós-modernista desenvolveu o termo “desconstrução” e trabalhou com a idéia de “desconstrução do Logocentrismo”³.

Logocentrismo é responsável pela existência dos conceitos. Ele acaba com as diferenças entre as coisas reais ao reduzi-las à identidade. Este é um jeito ocidental de pensar e agir. Não há mais espaço para as individualidades, pois tudo é padronizado: religião, sistema econômico, etc. Este foi um momento em que a filosofia estava mais parecida com a literatura do que com a própria filosofia. Como o pensamento pós-moderno é bastante eclético, permite cruzar teorias como o marxismo (Marx) e a psicanálise (Freud).

No mundo pós-moderno, objetos e informações são descartáveis. Os sujeitos também produzem personalidades (simulacros) descartáveis. Vive-se agora entre simulacros em espetáculo para seduzir o desejo.

Paira uma pergunta no ar: o pós-modernismo é agonia ou êxtase? Isso não importaria tanto se existisse ajudaria em relação a formar o cidadão consciente, capaz de manejar com objetividade os poderosos instrumentos que as novas tecnologias da comunicação estão colocando à sua disposição. Nesse caso, haveria de se exercitar uma vigilância sobre os veículos de comunicação, a fim de chamá-los à sua responsabilidade de principais formadores de opinião.

Porém para Compagnon, o pós-moderno tem algo de moderno, mas de forma exagerada, como o individualismo exacerbado, por exemplo. Mas as preocupações pós-modernas estão presas às coisas menores, ao cotidiano. Para o autor, o pós-modernismo é uma continuação do modernismo, um prolongamento.

Jameson diz que a impureza constitutiva de toda a teoria pós-modernista confirma um dos achados da periodização que precisa sempre ser reiterado: o pós-modernismo não é a cultura dominante de uma ordem social totalmente nova, com o nome de sociedade pós-

³cf. SANTOS

industrial, mas é reflexo das mudanças do capitalismo. Sendo assim, vestígios do modernismo, e do próprio realismo, continuam vivos na cultura pós-modernista.

O autor diz que o conceito de pós-modernismo não é só contestado, mas intrinsecamente conflitante e contraditória, e que apesar disso não dá para não usá-lo. “Pós-modernismo não é algo que não se possa estabelecer de uma vez por todas e, então, usá-lo com consciência tranquila”⁴.

Outro teórico importante dessa área, Eagleton, diz que a palavra pós-modernismo refere-se, em geral, a uma forma de cultura contemporânea, enquanto o termo pós-modernidade, a um período histórico específico. Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação.

Pós-modernismo é um estilo de cultura que reflete um pouco essa mudança memorável por meio de uma arte superficial, descentrada, infundada, retrorreflexiva, divertida, caudatária, eclética e pluralista, que obscurece as fronteiras entre a cultura “elitista” e a cultura “popular”, bem como entre a arte e a experiência cotidiana. O quão dominante ou disseminada se mostra essa cultura; se tem acolhimento geral ou constitui apenas um campo restrito da vida contemporânea; é objeto de controvérsia⁵.

O autor usa o termo “pós-modernismo” para abranger as duas coisas, dada a evidente e estreita relação entre elas. Dizer “pós-modernista” não significa unicamente que você abandonou de vez o modernismo, mas que o percorreu a exaustão até atingir uma posição ainda profundamente marcada por ele, deve haver algo como um pré-pós-modernismo, que percorreu todo o pós-modernismo e acabou mais ou menos no ponto de partida, o que de modo algum não significa que não tenha havido mudanças.

Hutcheon diz que o pós-modernismo é uma palavra muito usada e mal usada em várias disciplinas, como literatura, artes visuais, cinema, arquitetura, teoria literária e filosofia. Denomina pós-modernismo como práticas culturais caracterizadas por importantes paradoxos de forma e de ideologia. A autora afirma que o termo pós-modernismo costuma ser acompanhado por um grandioso cortejo de retórica negativizada: descontinuidade, desmembramento, descentralização, indeterminação, antitotalização. Todas essas palavras negam um compromisso, contestam algo, conforme faz o próprio termo “pós-modernismo”.

⁴JAMESON, p. 25

⁵cf. EAGLETON

O pós-modernismo é um fenômeno contraditório, que usa e abusa, instala e depois subverte os próprios conceitos que desafia – seja na arquitetura, na literatura, na pintura, na escultura, no cinema, no vídeo, na dança, na televisão, na música, na filosofia, na psicanálise ou na historiografia. Hutcheon defende que o pós-modernismo não pode ser usado como simples fenômeno para o contemporâneo, pois ele não descreve um conceito internacional, pois ele é basicamente europeu e americano. É um fenômeno fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político. Essas contradições se manifestam no conceito pós-moderno da “presença do passado”.

Hutcheon afirma que o pós-modernismo não é um retorno nostálgico; é uma reavaliação crítica, um diálogo irônico com o passado da arte e da sociedade, a ressurreição de um vocabulário de formas arquitetônicas criticamente compartilhadas.

Por ser contraditório e atuar dentro dos próprios sistemas que tenta subverter, provavelmente o pós-modernismo não pode ser considerado como um novo paradigma. Ele não substitui o humanismo liberal, mesmo que o tenha contestado seriamente. No entanto pode servir como marco de luta para o surgimento de algo novo.

A maior parte da teoria sobre pós-modernismo é a narrativa – seja na literatura, na história ou na teoria. A metaficção historiográfica - recurso bastante comum na literatura pós-moderna, pode ser definida como ficção sobre ficção, ou ainda, como um tipo de ficção que prima pelo desvendamento do processo narrativo - incorpora esse três domínios, ou seja, a autoconsciência teórica sobre a história e a ficção sobre criações humanas passa a ser a base para seu repensar e suas reelaboração das formas e dos conteúdos do passado. Esse tipo de ficção já foi classificado como “meia ficção” ou “paramodernista”. Mas essas classificações são contraditórias, pois ela sempre atua dentro das convenções a fim de subvertê-las⁶.

A metaficção tende, sobretudo, a brincar com as possibilidades de significado e de forma, demonstrando uma intensa autoconsciência em relação à produção artística e ao papel a ser desempenhado pelo leitor que, convidado a adentrar tanto o espaço literário quanto o espaço evocado pelo romance, participa assim de sua produção.

Reichmann, analisando a obra de Linda Hutcheon, diz que o papel do leitor é paradoxal, pois assim como é forçado a reconhecer o artifício da arte no que está lendo, é ainda compelido a participar como co-criador no processo de construção da narrativa. Esta co-participação do leitor se assemelha ao desenvolvimento de sua experiência existencial – o processo – portanto, metaficção não é o rompimento com a tradição mimética, mas um desenvolvimento da mesma.

⁶cf. HUTCHEON

Na metaficção historiográfica o narrador aparece como mediador entre o leitor e o mundo do romance, há o reconhecimento de uma distância narrativa subsequente. O leitor é orientado, em termos temporais e espaciais, pela própria narrativa. A relação do discurso histórico com a literatura é de tornar problemático aquilo que antes era aceito pela historiografia e literatura como certeza.

Lyotard citado por Hutcheon diz que o pós-modernismo se caracteriza pela incredulidade em relação às narrativas – mestras ou metanarrativas: aqueles que se queixam da perda de sentido no mundo ou na arte estão realmente lamentando o fato de que o conhecimento já não é esse tipo de conhecimento basicamente narrativo. Porém, o conhecimento não desaparece. Apesar de haver mudanças, não é algo radicalmente novo.

A maioria dos textos pós-modernistas, além de contraditórios, é paródico em sua relação intertextual com as tradições e as convenções gêneros envolvidos. Muitas vezes a paródia é ironicamente descontínua em relação à continuidade, a diferença no âmago da semelhança.

Em certo sentido, a paródia é uma forma pós-moderna perfeita, pois, paradoxalmente, incorpora e desafia aquilo que parodia. Ela também obriga a uma reconsideração da idéia e origem ou originalidade, idéia compatível com outros questionamentos pós-modernos sobre os pressupostos do humanismo liberal. Embora alguns teóricos considerem essa perda do estilo peculiar e individual do modernismo como algo negativo, como um aprisionamento do texto no passado por meio do pastiche, os artistas pós-modernos a consideram como um desafio libertador que vai contra a definição de subjetividade e criatividade que ignorou durante um período demasiadamente longo a função da história na arte e no pensamento.⁷

Realmente é difícil teorizar sobre um fenômeno cultura atual que é distinto, contraditório e polivalente. Muitos teóricos, como Lyotard, acreditam que as metanarrativas não têm pretensão à verdade, e que não podem ser narrativas “mestras”.

Essas contradições se posicionam dentro de um sistema e atuam no sentido de permitir que as premissas desse sistema sejam consideradas como ficções ou como estruturas ideológicas. Isso não destrói o seu valor de veracidade, mas define as condições dessa “verdade”. Esses questionamentos levam a pensar tanto no que está sendo contestado como as respostas que estão sendo dadas a ele, de uma maneira autoconsciente que admite seu próprio caráter provisório, de reflexão.

Pensando isso em relação à história: no pós-modernismo ela está sendo repensada, como uma criação humana e está condicionada pela textualidade, pois somente temos acesso

⁷HUTCHEON, p. 28-9

à história por meio de textos, documentos, evidências, relatos. Isso não quer dizer que o pós-modernismo esteja negando a história ou colocando no lixo todo o passado; que dizer que por meio desses textos podemos analisar, repensar, refletir sobre a história.

O que o pós-modernismo faz, conforme seu próprio nome sugere, é confrontar e contestar qualquer rejeição ou recuperação modernista do passado em nome do futuro. “O pós-modernismo não nega a existência do passado, mas de fato questiona se jamais poderemos conhecer o passado a não ser por meio de seus restos textualizados”⁸.

É isso que a teoria da metaficção historiográfica de Linda Hutcheon faz: não rejeita seu envolvimento mimético com o mundo, mas o aceita simplesmente, fazendo um confronto direto entre o discurso da arte e o discurso da história.

Nesse tipo específico de ficção, surge outro paradoxo do pós-moderno: eliminação da distância entre a arte de elite e a arte popular. A cultura elitista se fragmentou em disciplinas especializadas e esses romances atuam no sentido de abordar e subverter essa fragmentação com seu recurso pluralizante aos discursos da história, da sociologia, da teologia, da ciência política, da economia, da filosofia, da literatura, etc. “A metaficção historiográfica reconhece claramente que é uma complexa rede institucional de discursiva de cultura de elite, oficial, de massa e popular que o pós-modernismo atua”⁹.

Notamos, então, que há várias teorias e formas de pensar sobre o pós-modernismo. Umas otimistas, outras nem tanto. O que não podemos negar é a presença do novo, que nos deparamos diariamente, e a questão do individualismo que reina em nossa sociedade. Conforme Santos, “a condição pós-moderna é precisamente a dificuldade de sentir e representar o mundo onde se vive. A sensação é de irrealidade, com vazio e confusão. Só se fala em desencanto, desordem, descrença, deserto”¹⁰.

BIBLIOGRAFIA

COMPAGNON, Antonie. Os cinco paradoxos da modernidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

EAGLETON, Terry. As ilusões do pós-modernismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

HUTCHEON, Linda. Poética do Pós-Modernismo. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

⁸HUTCHEON, p. 39

⁹HUTCHEON, p. 40

¹⁰SANTOS, p. 108

JAMESON, Frederic. Pós-Modernismo. São Paulo: Ática, 2002.

REICHMANN, Brunilda. O que é metaficção? In: Scripta Uniandrade. Curitiba, 2006.

SANTOS, Jair Ferreira. O que é Pós-Moderno. São Paulo: Brasiliense, 2000.